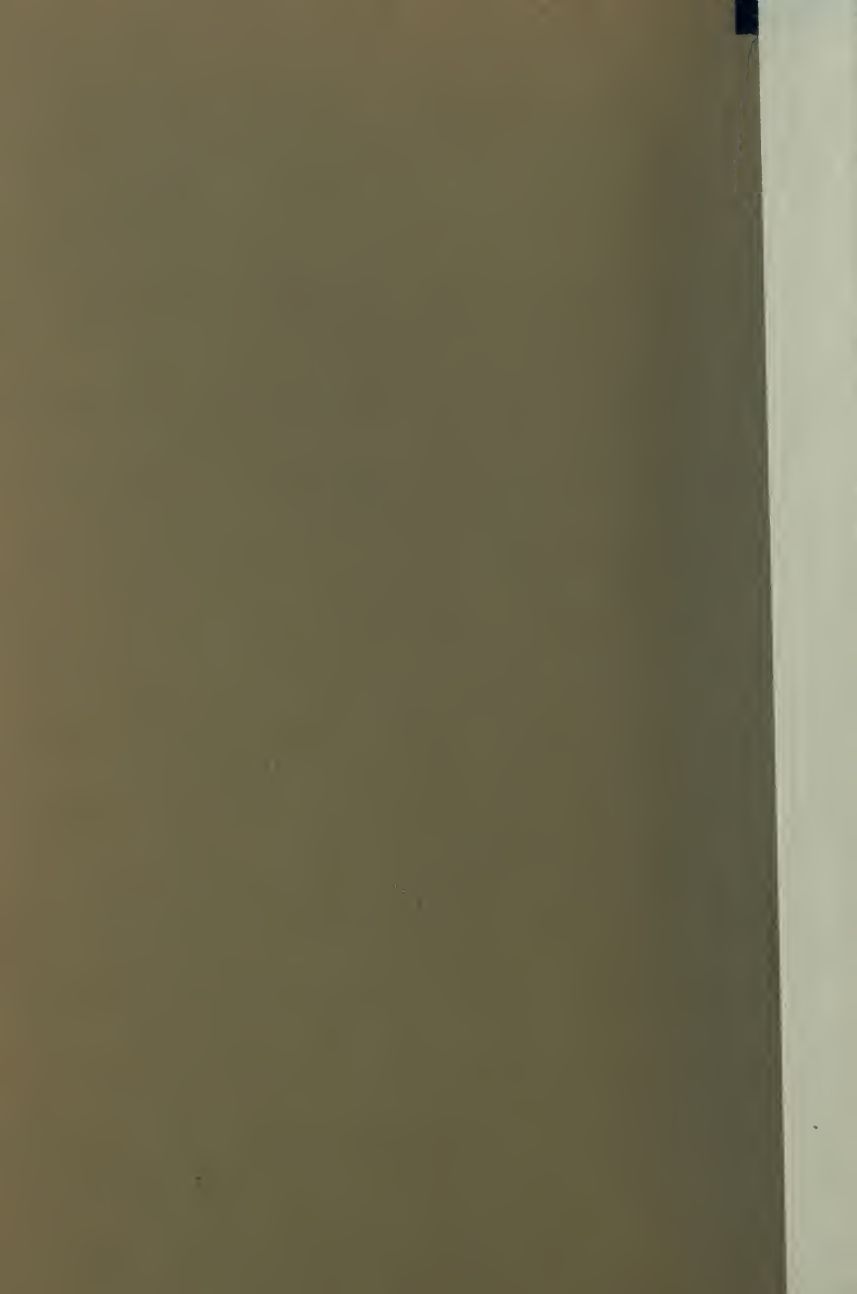




3 1761 07043013 7

Pimentel, Alberto  
Que joven Telemaco!  
Poesia comica

PQ  
9261  
P46 Q4







# QUE JOVEN TELEMACO!

POESIA COMICA

RECTADA, COM APPLAUSO, PELO ACTOR VALLE  
DO THEATRO DO GYMNASIO, DE LISBOA, NO THEATRO  
BAQUET, DO PORTO, NA NOITE DE  
23 D'AGOSTO DE 1867

POR

**ALBERTO PIMENTEL**



PORTO:

TYP. DA LIVRARIA DE A. DE MORAES & PINTO

Rua do Almada n.º 171,

—  
1868.

103782313 72106 310

PQ  
9261  
P46Q4



A companhia de *Bufos madrilenos* tinha posto em scena—*O Joven Telemaco*, com grandes applausos, dias antes de chegarem ao Porto o Valle e o Silveira, do Gymnasio, no intuito de darem uma recita no *Baquet*. Encontrei o Valle no theatro, n'uma noite de ensaio da companhia hespanhola. N'essa occasião, pondo d'empenho a nossa amisade, emprasou-me a escrever-lhe uma parodia ao *Telemaco*, no espaço de vinte e quatro horas, que tanto apertava o tempo. O praso marcado, se não era bastante para meditar no trabalho, muito menos o era para que este tivesse, da minha parte, uma execução satisfatoria. Escreveu-se, porem, a coisa, defeituosa como vai, dentro das vinte e quatro horas.

São impressões d'um *ratão*, que se enthusiasma com o *Telemaco*, desordenadas, sem nexo, tumultuosas; nada mais.

Agradou a *coisa*, talvez, devido isso á occasião; ainda assim tenho que agradecer ao Valle o lustre que no desempenho lhe deu e ao publico a generosa benevolencia para comigo.

Foz do Douro, 27  
setembro de 1867

*Alberto Pimentel.*





## QUE JOVEN TELEMACO!

---

(Typo d'um homem de meia idade sujeito ainda ás travessuras de Cupido. Lenço na mão esquerda; bengala na mão direita. A scena representa um quarto de dormir. Ao lado uma cama. Algumas cadeiras. O actor entrando alvoroçado:)

Ai! meu Deus! venho perdido!  
Talvez ignorem porquê?  
Arrastou-me hoje o destino,  
Sabem aonde? Ao Baquet!  
Ai! Que bufos e que... bufos!  
Elles! Ellas! Coisa assim!  
Eu venho tão satisfeito,  
Que não caibo dentro em mim!

Deu-se hoje—*El Joven Telemaco!*  
Palavra: Aquillo é bem feito!

Telemaco é um *chiquito*,  
Que gosta do seu cigarro  
E que bebe o seu copito!  
O Tutor é um velhote,  
Constipado e com catarrho,  
Que quer ensinar Telemaco  
A fumar bem um cigarro!  
Eu cá para mim entendo;

Que o Tutor perde o rapaz...  
Mas elle não entende isto!  
Deixal-os viver em paz  
Por esse mundo de Christo!...  
O certo é que n'um dia  
Foram jantar ao *Rainha*  
Na companhia da deusa  
E de quantas aias tinha.  
Começam a *dar aos dentes*  
E as *nymphas* a ver aquillo!  
Emquanto a deusa Calipso  
Brinda o Tutor e o pupillo,  
Para que se não perceba  
Que elles estão *petiscando*,  
Diz a deusa: «Olá, meninas,  
«Façam favor d'ir cantando,  
«Qualquer coisa... uma canção.»  
E diz uma: O Sam João?  
Responde a deusa agastada:  
«Faça-se agora criança!  
«Cantem aquella modinha,  
«Que começa—*sobre a pança.*»

(A orchestra toca o côro da *suripanta*; o actor imita os trejeitos das coristas e conta:)

Sobre a pança, ai, sobre a pança (1)  
Alcatruzes de Santarem.

(1) Como o author tinha de amoldar a letra á musica, já escripta, não pôde sustentar regularidade na metrificação d'este côro.

(*Repetição.*)

Olha o gato, olha o gato,  
Ai que barbas que elle tem!

(*Repetição.*)

Quer assucar? Quer assucar?  
Quer assucar de Sacavem?

(*Repetição.*)

Sobre a pança, ai, sobre a pança  
Alcatruzes de Santarem.

(*Repetição.*)

Doe-me e doe-me e doe-me,  
Doe-me e doe-me e doe-me,  
Doe-me e doe-me e doe-me,  
Doe-me a pança, ai, doe-me a pança,  
Alcatruzes de Santarem.

Dizem ellas que isto é grego!  
Mas que *pala!* E' Portuguez...  
Pilhei a letra do côro,  
Ouvindo-o só uma vez!

O Telemaco é prendado  
E tem luzes de solfejo.  
Calipso quer que elle cante  
E elle annue ao desejo.  
Trazem-lhe uma harpa sem cordas  
E mesmo assim vai cantar!  
Depois de tossir trez vezes  
Dispõe-se a principiar.

E que linda voz que tem!

Como passou? Passou bem? (*Mettendo a cabeça na casa do ponto.*)

Este ponto é bem bom *ponto!* (*A' parte.*)

Desculpe. Não tinha visto.... (*Ao ponto.*)

Mas prosigamos no conto:

Já o rapaz tem cantado,

Quando o Tutor diz do lado:

«Mette a viola no sacco...

«Vou buscar a palmatoria...

«Quero dar-te uma lição,

«Que te fique de memoria...»

Volve o Telemaco: Não.

«Se trouxer a palmatoria,

«Heide fugir com a mão..

«Quer-me bater! Veja lá...

«Olhe que eu vou fazer queixa

«*A mi mamã, mi mamã.* (*Gritando.*)

Depois d'isto, cheia a pança,

Querem elles pôr-se ao fresco.

Mas a deusa recalcitra

E tentam pois enganar-a.

Não pegam porem as tretas!

Então Tutor vai á mala

E tira doze gazetas.

Consegue pois, n'um momento,

Distribuindo os jornaes,

Prender assim as coristas,

Que dão bastantes signaes  
D'estarem de mau humor  
E de soffrerem com custo  
A lembrança do Tutor!

Lê cada uma a seu tempo.  
Primeiro diz uma *chica*:  
«Vai por-se á venda uma casa,  
Que tem dentro agua de bica.»

Outra do lado: Ha trez dias,  
No largo do Camarão,  
Roubaram d'uma janella  
Uma caçoula amarella,  
Que tinha mangericão.»

E diz outra: O Zé da tenda  
Annuncia aos seus freguezes,  
Que, dentro de poucos mezes,  
Receberá de Lamego  
Sete arrobas de presunto  
E que faz abatimento  
A quem lh'o comprar por junto.»

E dá o somno nas *chicas*!  
Eu fiquei estupefacto  
Por ver que ellas tinham somno  
No fim... do primeiro acto!

Então Tutor e Telemaco,  
Vendo as nymphas a dormir.  
Vão-se *sajando* á sorrelfa!

Não ha tugir nem mugir!  
No meio d'este silencio  
Ouve-se o panno cahir.

Descera o panno e sahi.  
Fui logo direito á caixa.  
Já tinha passado o somno!  
Andavam umas e outras  
A conversar em voz baixa.

Talvez fallassem de mim...  
Que duvida! Eu, na verdade,  
Sou um perfeito alfenim...

Passa-se o segundo acto  
Na taberna do Reimão.  
Ulisses vem de palhoça  
E guarda-chuva na mão.  
E com voz roufenha e grossa  
E com semblante inquieto  
Pede á dona da locanda,  
Que lhe traga *meio neto*.

Entre a roda dos freguezes  
Passa por ser estrangeiro  
D'algun selvagem paiz!  
O homem gosta da pinga:  
Enche o copo muitas vezes  
E por ultimo declara  
Que não tem uma de—x—!

N'isto a dona da locanda  
Começa a gritar: Ui! niñas!

Venham-lhe dar uma *pola*...  
Caloteiro! Mariola  
Ui! Socorro! Aqui-d'elrei!»

E acodem as filhas todas  
Vociferando mil nomes,  
Que eu não digo, nem direi.

Entra na coisa Cupido,  
Mas, por faltar um menino,  
Tem a empresa resolvido  
Ser Cupido femenino!

Entra Cupido na scena  
E fêre logo Telemaco  
Com balazios de papel.  
Traz espingarda de folha,  
Comprada o anno passado  
Na feira do S. Miguel.

Esquecia-me dizer-lhes,  
—E na lembrança isto tinha!—  
Que Telemaco e o Tutor  
Foram presos na Biquinha,  
Por os encontrarem ambos  
A jogar a *vermelhinha*.

Ulisses gosta da pinga!  
Tem este vicio somente,  
Mas com tudo é um *bom serás*.  
Choram-lhe os olhos bastante



E põe diante a palhoça,  
Por causa da luz do gaz.

Caminha ás apalpadellas!  
Julga-se então infeliz  
Por ser um aventureiro,  
Que não tem uma de—x—.  
N'isto abalroa no filho  
E começa a deitar sangue,  
A jorros, pelo nariz.

E diz o filho! Ora esta!  
«Senhor pae, tenha cautela,  
«Fez-me um *gallo* aqui na testa!»

Isto, porem, tudo passa,  
Mas a chalaça melhor,  
E' que, com uma tal graça,  
Que arrebatava o espectador,  
O Tutor no fim declara  
Ser mulher e não Tutor!

*(Tirando a coberta da cama e cobrindo-se com ella).*

Dá um passeio na sala  
Inda com ar de velhote.  
Mas diz-nos por fim de contas  
Uma coisa bem acerba!  
Deixa cahir o capote  
E vem pela scena abaixo, *(Deixando cahir a coberta)*  
Dizendo com gesto grave:  
«Yo soy la diosa da erva.



N'este instante é que são ellas!  
Tudo lá dentro anda em brasa!  
Corre na scena o boato  
De que está chovendo muito  
E chove dentro de casa.

Então o Tutor, de saias,  
Trepá acima d'uma pipa.  
Põe-se a olhar admirado,  
A ver se acaso descobre  
Um boraco no telhado.  
Acaba pois a função  
Com este inesp'rado caso  
De inesp'rada admiração!

Mas ainda agora reparo,  
Que estou feito *massador*  
Discorrendo, ha meia hora,  
A respeito do Tutor.  
São horas de me deitar. (*Vendo o relógio.*)  
Horas d'um *homem de bem*...

Meus senhores e senhoras  
Estimo que passem bem...  
(*O ponto chama.*)

Que diz? Falle alto. Não oiço!  
Ah! Tem razão! Obrigado.  
Diz que faltava uma coisa,  
Que inda não tinha cantado.

Agradeço, reconheço,  
Não mereço este favor. (*Ao ponto.*)

Se a coisa não sahir boa,  
Desculpem, não sou cantor. (*A' platea.*)

(A orchestra toca o *mi gustam todas*; o actor começa a fazer movimentos com a bengala imitando a harpa.)

Mi gusta muito, (*cantando.*)

Mi gusta muito,

Mi gusta muito

D'arroz com presunto.

Peros d'arruda,

Peros d'arruda,

Peros d'arruda,

Me fazem mal!

E acrescenta o actor Val'. (*A' parte.*)

Agora pedia palmas (*Cantando.*)

E pedi-os por favor.

Pois se eu me int'resso com isso,

Tambem se int'ressa o author. (*Repetição.*)

(*Cae o panno.*)

N. B. (Por inoportunidade de tempo, foi a parodia licenciada provisoriamente pelo dignissimo inspector dos theatros, no Porto.)



## THEATRO DO MESMO AUCTOR

*O Nariz*, Poesia comica.

*Vestidos curtos*, Poesia comica.

*Que Joren Telamaco*, Poesia comica.

**Preço 60 réis**





PQ            Pimentel, Alberto  
9261            Que joven Telemaco! Poesia  
P46Q4        comica

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 02 04 005 1